

diálogos insurgentes

“Se morar é um direito, ocupar é um dever”: entrevista com Maria de Lourdes Alves do Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB)

**“Si vivir es un derecho, ocupar es un deber”:
entrevista con María de Lourdes Alves del
Movimiento de Lucha en los Barrios, Villas y Favelas**

**“If living is a right, occupying is a duty”: interview
with Maria de Lourdes Alves of the Movement for
Struggle in Neighborhoods, Villages and Favelas**

Maria de Lourdes Alves¹

¹ Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Mariana Trotta Dallalana Quintans²

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: marianatrottafnd@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5967-6350>.

Submetido em 17/02/2025

Aceito em 21/02/2025

Como citar este trabalho

ALVES, Maria de Lourdes; QUINTANS, Mariana Trotta Dallalana. “Se morar é um direito, ocupar é um dever”: entrevista com Maria de Lourdes Alves do Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB). Entrevista concedida a Mariana Trotta Dallalana Quintans. *InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais*, Brasília, v. 11, n. 1, p. 55-67, jan./jun. 2025.

insurgência



InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais

v. 11 | n. 1 | jan./jun. 2025 | Brasília | PPGDH/UnB | IPDMS | ISSN 2447-6684

Dossiê realizado em colaboração com os projetos de extensão **NAJUP Luiza Mahin**, **OBUNTU** e **OFUNGO**



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons 4.0.

Este trabajo es licenciado bajo una Licencia Creative Commons 4.0.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0.

“Se morar é um direito, ocupar é um dever”: entrevista com Maria de Lourdes Alves do Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB)



Entrevista realizada em 27 de dezembro de 2023.

Duração de 44 minutos.

Maria de Lourdes Alves é uma mulher negra, trabalhadora informal, mãe de duas filhas e um filho. Maria de Lourdes Alves é natural do Ceará e migrou aos 18 anos para o Rio de Janeiro para trabalhar como doméstica na casa de um casal. Nesse período, não recebeu salário, vivendo em situação análoga à escravidão.

Atualmente, é militante e coordenadora estadual do Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB) no Rio de Janeiro e participou das ocupações João Candido (em 2021) e Luís Gama (2022), ambas na região central da cidade do Rio de Janeiro organizadas pelo MLB, que passaram por processos violentos de despejo.

O MLB é um movimento social, organizado nacionalmente há 26 anos, que promove ocupações nas cidades com o objetivo de organizar trabalhadores e trabalhadoras na luta pelo direito à moradia adequada, pela Reforma Urbana e pelo Socialismo.

No estado do Rio de Janeiro, o MLB está organizado há 12 anos, tendo realizado várias ocupações em prédios públicos e privados. A ocupação Luís Gama foi realizada no dia 24 de junho de 2021, quando o MLB ocupou um prédio público que descumpria a função social no centro da cidade do Rio de Janeiro, no auge da pandemia de Covid-19. Por quatro dias, a ocupação resistiu a tentativa de remoção forçada e várias outras formas de violência do Estado. Após uma intensa negociação, as famílias do movimento desocuparam o prédio com a promessa da construção de 150 moradias na região central do Rio. Entretanto, o Estado interrompeu as negociações com o MLB.

Diante da ausência de resposta do Estado, o MLB no dia 16 de novembro de 2022 ocupou um prédio particular no centro da cidade, dando início a Ocupação Luís Gama, com o objetivo de pressionar o Estado do Rio de Janeiro a retomar as negociações. Foram 30 dias de luta, resistência e repressão, sofrendo a brutalidade da polícia militar. No dia que a Ocupação completaria seu aniversário de um mês de existência, as famílias sofreram um despejo determinado por ordem judicial que expulsou as famílias às vésperas do Natal.

No entanto, a luta do MLB conquistou a construção de 110 moradias na cidade Rio de Janeiro pela Secretaria de Estado de Habitação de Interesse Social, por meio do Programa Minha Casa Minha Vida na modalidade do Fundo de Arrecadamento Residencial (FAR) com recursos da Caixa Econômica Federal.

Na entrevista Maria de Lourdes Alves contou um pouco de sua trajetória pessoal, da história de luta do MLB, da atuação violenta da polícia e do poder judiciário, do papel dos e das advogadas populares e da conquista do direito à moradia.

A entrevista foi concedida no segundo semestre de 2023 no âmbito da pesquisa “Poder Judiciário e conflitos fundiários no território fluminense” realizada pelo Núcleo de Assessoria Jurídica Universitária Popular (NAJUP) Luiza Mahin da Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FND/UFRJ), que conta com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (FAPERJ). O Núcleo de Assessoria Jurídica Universitária Popular (NAJUP) Luiza Mahin é um dos grupos de extensão universitária que tem atuado na assessoria jurídica do MLB e tem, também, produzido pesquisa com o objetivo de registrar a memória dessa luta.

* * *



LUTA CONTRA O CAPITALISMO

MOVIMENTO DE LUTA NOS BAIROS, VILAS E FAVELAS

MOVIMENTO DE LUTA NOS BAIROS, VILAS E FAVELAS

V.I.R.

MOVIMENTO DE LUTA NOS BAIROS, VILAS E FAVELAS

Mariana Trotta Dallalana Quintans (NAJUP Luiza Mahin): E a senhora é natural aqui do Rio, é nascida aqui?

Maria de Lourdes Alves: Não, eu nasci no Ceará. Mas eu vim para cá bem nova.

Mariana Trotta: Com quantos anos?

Maria de Lourdes: Eu acho que eu tinha 18 anos, 17, 18 por aí.

Mariana Trotta: E veio para cá para o Rio, por quê?

Maria de Lourdes: Ih, porque eu vim com um casal aí eu não quis mais voltar, a vida aqui é bem melhor do que lá sabia

Mariana Trotta: Veio com um casal?

Maria de Lourdes: Sim, um casal. Eu era meio exploradinha na casa deles, aí eu fugi.

Mariana Trotta: A senhora trabalhava na casa deles?

Maria de Lourdes: Sim, mas eu não ganhava, aí eu fugi, eu nem sabia para onde que eu iria não. Mas lembrei de um pessoal que eu conhecia. Consegui chegar lá e fui viver minha vida.

Mariana Trotta: Queria que você falasse um pouquinho, como e quando você começou a atuar pelo MLB.

Maria de Lourdes: Eu entrei no MLB, em 2021, na ocupação João Cândido.

Mariana Trotta: E, por que a senhora resolveu participar da ocupação?

Maria de Lourdes: Eu acho que por necessidade, de uma casa, de melhorar, sair do aluguel, foi por isso.

Mariana Trotta: E a senhora trabalha com o quê?

Maria de Lourdes: Eu sou autônoma, eu vendo algumas coisas na rua para sobreviver.

Mariana Trotta: Aqui pelo centro mesmo?

Maria de Lourdes: Sim, lá no espaço cultural da marinha, na porta do espaço cultural da marinha, final de semana dá um movimento.

Mariana Trotta: E a senhora mora na região central desde quando?

Maria de Lourdes: Já tem uns 50 anos e eu não quero sair daqui de jeito nenhum.

Mariana Trotta: E antes de estar na região central? A senhora morava onde?

Maria de Lourdes: Eu morava em Caxias. Mas era muito difícil chegar ao centro para trabalhar. Às vezes você consegue chegar e, às vezes, não. E as vezes quando chega, já é hora de voltar para Caxias outra vez.

Mariana Trotta: E por que a senhora gosta de morar no centro?

Maria de Lourdes: Ah, porque tudo é mais fácil. Até para ambulante aqui é mais fácil, porque você consegue ir para a rua cedo e ainda tem o dinheiro da passagem também.

Mariana Trotta: A senhora pode contar um pouco das ocupações?

Maria de Lourdes: A ocupação Luís Gama, foi um mês lá dentro e muita luta, muita guerra com a polícia, muita mesmo. Eu já entrei lá sabendo que não era fácil, porque nada para a gente é fácil. Nada para pobre é fácil. Eu já entrei sabendo que a polícia ia bater. Mas meu medo ficou lá dentro, eu não tenho mais medo da polícia não. Se tiver que enfrentar, nós vamos enfrentar, porque meu medo eu deixei lá.

Mariana Trotta: O prédio estava sendo utilizado?

Maria de Lourdes: Não, o prédio estava vazio há mais de 10 anos, não tinha nada, não tinha banheiro, a gente improvisou tudo. Não tinha nada, só lixo. A cisterna estava um absurdo, tudo cheio de entulho, a gente tirou, limpamos, com cloro, com tudo, botamos caminhão de pipa d'água e deixamos ele cheio, limpinho, para eles estarem usando hoje. Virou estacionamento e eles estão usando. A gente incentivou, como sempre, eles a reabrirem os lugares que a gente limpou, né.

Mariana Trotta: Então vocês conservaram o prédio?

Maria de Lourdes: Sim, sim, a gente limpou, tiramos o lixo, tiramos as árvores, porque estava cheio de mato e tiramos as fotos do antes e do depois, de quando a gente chegou lá e de quando a gente saiu e ficou bom para eles.

Mariana Trotta: Como foi a atuação da polícia assim que vocês ocuparam o prédio?

Maria de Lourdes: Acho que não demorou nem 10 minutos, a polícia chegou, metendo o pé na porta, com a arma na mão. A gente subiu, içamos as bandeiras do MLB, mostramos às crianças e depois chegou o apoio para a gente, porque sem aquele apoio, chegou muita polícia depois, né, choque, chegou todo mundo. Mas aí, aquela polícia ali, sabe o que aconteceu? Deu mais força para a gente lutar contra eles, pelo menos para mim, eu saí de lá bem mais forte, muito forte. Até hoje eu estou aqui lutando.

Mariana Trotta: Como foi a atuação dos advogados e advogadas populares?

Maria de Lourdes: Então, era minha esperança maior, era vocês no caso, né, os advogados, advogada, era minha esperança maior, porque sem vocês, a gente não ia conseguir, entendeu. Porque sem vocês, a gente não ia conseguir, porque a gente não tem essa força toda, a gente tem força, mas vocês têm o poder, assim, de barrar aquelas coisas ruins que vem contra a gente, principalmente da polícia. Porque no momento em que a gente entrou lá, se não fossem vocês lá fora, eles tinham arrombado aquela porta, porque era muita polícia para pouca gente lá dentro. Mas aí vocês chegaram, aí tudo se acalmou. Muito boa e eu agradeço vocês por isso.

Mariana Trotta: E a gente agradece, porque se não fossem vocês fazendo a luta não tinha conquista.

Maria de Lourdes: Então, a gente está conquistando juntos. Todo mundo junto.

Mariana Trotta: Como foi a postura do poder judiciário nesse processo todo de luta?

Maria de Lourdes: Péssimo, porque ele viu só o lado do rico, principalmente o Gilmar Mendes, né, que no último instante favoreceu ao rico, não foi a favor do pobre, foi péssimo. Péssimo.

Mariana Trotta: Como foi essa postura do Gilmar Mendes, ministro do STF, com a ocupação?

Maria de Lourdes: Então, a postura dele foi a pior de todas, foi péssima. Eles nunca veem o lado do pobre, só o lado do rico, então principalmente o Gilmar Mendes, porque caiu na mão dele e ele é um ministro de rico, não é um ministro de pobre. Então ele foi favorável ao dono do prédio e não a gente, aí a gente teve que sair¹.

¹ Durante a ocupação, após a concessão da liminar de reintegração de posse em primeira instância, a Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro e a advocacia popular, ajuizaram Reclamações

Mariana Trotta: Eles determinaram o despejo?

Maria de Lourdes: Sim, determinaram o despejo e a gente saiu.

Mariana Trotta: E depois do despejo, o poder judiciário deu alguma alternativa de moradia a vocês?

Maria de Lourdes: Não, não deu nada não. Não deu nada não. O Governador, a gente está em negociação com ele e está uma negociação bem boa, muitas coisas boas estão acontecendo. E vamos conseguir.

Mariana Trotta: A senhora avalia de forma positiva a mesa de negociação com o estado?

Maria de Lourdes: Sim, muito positiva, mas também, graças aos nossos advogados, o pessoal do núcleo de terra, não só a gente, porque se não fosse esse pessoal, a gente também não ia conseguir.

Mariana Trotta: E o que que o Estado garantiu a partir dessa mesa de negociação? O que está avançando?

Maria de Lourdes: O Estado avançou muito. Tivemos uma notícia maravilhosa dos terrenos, que já é da gente, agora só falta mesmo a papelada e começar a obra. A luta foi para valer.

Mariana Trotta: A senhora acha que a resposta do Estado com esses imóveis, esses terrenos para as construções das casas, essa resposta foi fruto dessa luta coletiva? Desses atos, da ocupação?

Maria de Lourdes: Sim, claro que foi, porque como se diz uma andorinha só não faz verão, né, então junta todo mundo na luta e conseguimos.

Mariana Trotta: E qual é a sua expectativa para os próximos anos?

Maria de Lourdes: Felicidade, estar na minha casa, todo mundo, não só eu. O movimento todo, estar nas nossas casas. E ser feliz é tudo vai dar certo, já deu certo.

Mariana Trotta: Bom, a gente vai querer conhecer essa casa.

Constitucionais com base na decisão na ADPF 828 (que estabelecia a remessa das ações possessórias para a Comissão de Soluções Fundiárias). Essas Reclamações Constitucionais foram de relatoria do Ministro Gilmar Mendes, que entendeu que o caso não tinha aderência a quarta tutela incidental na ADPF 828, por se tratar de ocupação posterior à referida decisão judicial.

Maria de Lourdes: Mas vai mesmo. Vocês são os primeiros a ir lá.

Mariana Trotta: E a senhora gostaria de falar mais alguma coisa, que a gente não tenha perguntado?

Maria de Lourdes: Quando eu entrei no MLB, eu não levava muita fé, sabe, mas aí eu fui assim, sei lá, eu fui me dedicando muito e até hoje eu sou bem dedicada e hoje eu acho que eu vou continuar para sempre, entendeu?

Mariana Trotta: O que o MLB representa para a senhora?

Maria de Lourdes: O MLB é um movimento de luta sério, sem drogas, sem exploração, ninguém explora ninguém. O MLB para mim, é uma família. Na hora do sufoco, eu procuro sempre o MLB e sempre sou atendida, sempre. Até com conselho, qualquer coisa, para muita gente até uma cesta básica, porque tem muita gente, que não está trabalhando, que não está fazendo nada, não tem um quilo de feijão dentro de casa. O MLB é uma família, é isso. Um ajudando o outro.

Mariana Trotta: Queria te agradecer muitíssimo, por estar aqui compartilhando um pouco da sua história.

Maria de Lourdes: Muita história, muita história mesmo. Muita. Se eu for falar, dá um livro, completo.

Mariana Trotta: Vamos seguir juntas nessa luta!

Maria de Lourdes: Juntas! MLB essa luta é para valer!

* * *



Atualmente, o déficit habitacional brasileiro representa 6.215.313 milhões de domicílios, 62,6% de domicílios chefiados por mulheres, 62,6% de domicílios de famílias negras, e 86% de domicílios urbanos (Fundação João Pinheiro, 2024). Maria de Lourdes Alves possui o perfil do déficit habitacional brasileiro, negro e feminino. A história de luta de Maria de Lourdes Alves no MLB mostra que “se morar é um direito, ocupar é um dever”.

Como canta Milton Nascimento:

*“Maria, Maria é um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta
Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta
Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manhã, é preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania de ter fé na vida”*

Nota da entrevistadora

Foto 1: Ocupação Luis Gama do MLB no centro do Rio de Janeiro, novembro de 2022. Fonte: Acervo NAJUP Luiza Mahin.

Foto 2: Ato do MLB em janeiro de 2024. Concentração na Faculdade Nacional de Direito (FND) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Fonte: Acervo NAJUP Luiza Mahin.

Foto 3: Ato do MLB em janeiro de 2024. Concentração na Faculdade Nacional de Direito (FND) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Fonte: Acervo NAJUP Luiza Mahin.

Sobre a entrevistada e a entrevistadora

Maria de Lourdes Alves

Trabalhadora informal e militante do Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB).

Mariana Trotta Dallalana Quintans

Advogada popular, Professora da Faculdade Nacional de Direito (FND/UFRJ) e do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGD/UFRJ). Possui doutorado em Ciências Sociais Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ). É co-coordenadora do Núcleo de Assessoria Jurídica Universitária Popular (NAJUP) Luiza Mahin da UFRJ. É bolsista Jovem Cientista do Nosso Estado da FAPERJ.